ISSN: 2358-8829

# AS MULHERES PRECISAM SER OUVIDAS: EXPERIÊNCIAS COM TEATRO FÓRUM SOBRE ASSÉDIO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Letícia Rodrigues Frutuoso[1]

## INTRODUÇÃO

A experiência retratada neste resumo nasce do encontro entre o teatro e a medicina, em uma busca genuína para se construir conhecimento em ação. A metodologia utilizada foi a MEET (*Medical Education Empowered by Theater*), desenvolvida empiricamente na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, por um coletivo transdisciplinar (Frutuoso, 2024). A MEET está enraizada nos saberes da pedagogia freireana (Freire, 2020) e do Teatro do Oprimido (Boal, 2014), sendo utilizada em quatro frentes distintas: Aulas de Teatro, Simulações de Consultas Médicas, Encenação e Palhaçaria.

As Aulas de Teatro se tornaram obrigatórias em 2015 para estudantes da graduação em medicina. As informações apresentadas são parte da pesquisa de doutorado (Frutuoso, 2024), na qual se constatou que o teatro é um caminho possível para se identificar opressões na formação médica. Durante o estudo, realizado nos anos de 2021 e 2022, foram apresentadas quatro cenas de Teatro-Fórum, com temas escolhidos pelas e pelos estudantes participantes, das quais metade abordaram sobre violência de gênero contra a mulher.

O Teatro-Fórum é uma metodologia que faz parte do Teatro do Oprimido, e é amplamente utilizado para se discutir, em ação, um problema, buscando em cena as possibilidades de resolução. Conseguir agir no ambiente ficcional pode nos treinar, em um espaço protegido, para posteriormente agirmos no mundo real.

Na perspectiva de Augusto Boal, em seu livro “Estética do Oprimido” (2009), existem dois tipos de pensamento, que atuam de forma conjunta: o pensamento sensível e o pensamento simbólico. O pensamento sensível é a forma de pensar e se expressar esteticamente, seja com teatro, música, pintura, poesia, ou qualquer forma de arte. O pensamento simbólico é o que traduz isso em palavras. A proposta que realizamos,

[1] Letícia Rodrigues Frutuoso é docente da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, no Departamento de Artes Cênicas (DAC). leticia.frutuoso@academico.ufpb.br;

inspirada nessa premissa, busca favorecer o pensamento sensível para expressar o que pensamos e como agimos.

Para isso, as Aulas de Teatro (Carvalho Filho et al., 2025) são planejadas para que o conhecimento se construa em ação (pensamento sensível), por meio de jogos teatrais e improvisações, e, ao final de cada aula, seja compartilhado de maneira verbal (pensamento simbólico). "Um movimento corporal *é* um pensamento. Um pensamento também se exprime corporalmente. (...) Portanto, todas as ideias, todas as imagens mentais, todas as emoções se revelam fisicamente" (Boal, 2014, p. 110).

"A Estética do Oprimido, democrática e subjuntiva, visa através da arte, permitir ao cidadão [e à cidadã] questionar dogmas e certezas, hábitos e costumes que suportamos em nossas vidas" (Boal, 2009, p. 158). Questionar é a propulsão necessária para analisar como as coisas acontecem, refletir sobre quais relações de poder existem, buscar o porquê dos fatos e perguntar a quem interessa manter o mundo como está. Ao questionar pode ocorrer a conscientização de que não precisamos sermos seres passivos, mas sim ativos, agentes de mudança capazes de imaginar, transformar e construir a sociedade justa e igualitária na qual queremos viver.

Para que essa transformação aconteça, é preciso *desmecanizar* os corpos e as ideias. Um corpo habituado a fazer o mesmo, sem variação, acaba se enrijecendo; opiniões enraizadas que não experimentam o diálogo com outras perspectivas podem se transformar em dogmas (Santos, 2016, p. 324). *Desmecanizar* é, portanto, buscar possibilidades, investigar o que existe para além das aparências e descobrir-se como potencialidade.

Esse processo de desmecanização é especialmente urgente quando se trata de mulheres, "com a criação repressiva e doutrinária, os corpos femininos, com o tempo, vão se adaptando às ordens e se transformando em corpos sociais, camuflados em gestos e posturas moralmente aceitas, escondendo os desejos e anseios individuais" (Sarapeck, 2016, p. 122). Tais movimentações são transmitidas "de geração em geração, os gestos vão sendo categorizados em femininos e masculinos, como se fossem gestos naturais, e não impostos pela sociedade" (ibidem). Ou seja, aquilo que parece natural é, na verdade, uma construção social e histórica que precisa e vem sendo questionada.

Ao criar cenas sobre assédio e violência contra as mulheres, as e os estudantes foram convidados a narrar suas experiências, a coletivizá-las e a experimentar, em ação, outras formas de agir diante da opressão. A experiência revelou uma contradição

ISSN: 2358-8829

importante: mesmo entre pessoas que, no discurso, se identificam como feministas, as ações em cena reproduziram a lógica machista que se pretendia combater. “Mesmo repensando o machismo, os desafios são enormes, porque pessoas que no discurso são feministas acabam agindo de maneira machista e ainda esperando as congratulações” (Frutuoso, 2024, p. 108).

As sessões de Teatro-Fórum realizadas permitiram que a realidade do machismo, uma opressão estrutural, fosse escancarada. Nas experiências evidenciou-se que as mulheres estão falando, estão agindo, fazendo propostas para a destruição do patriarcado, mas nem sempre estão sendo ouvidas. Bárbara Santos (2019) reforça a importância de que nossas práticas sejam políticas, afirmando que a “solidariedade é a única saída para enfrentar o patriarcado e suas estratégias conjugadas de opressão e dominação, a fim de manter privilégios e propagar injustiças” (Santos, 2019, p. 67).

## METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa foi realizada com estudantes de medicina, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ao frequentarem a disciplina MD444 - Laboratório de Habilidades II - módulo de entrevista, durante o 4º semestre de sua formação, nos anos de 2021 e 2022, totalizando 231 participantes.

Para frequentar a disciplina, os/as estudantes são divididos em três turmas (A, B e C), cada uma com 40 estudantes, que participam de 5 aulas de teatro. Em 2022, foram realizados 15 encontros, e, em 2021, foram realizados 13 encontros, pois em decorrência das normas de distanciamento social ainda impostas naquele momento, algumas aulas não puderam ser realizadas.

Em 28 encontros, foram coletados os seguintes dados: 76 cenas teatrais realizadas e gravadas; 231 cartas escritas pelos e pelas estudantes, trazendo um relato pessoal sobre a experiência; 52 áudios que narravam as sensações (enviados pontualmente em algumas aulas via WhatsApp); e, exclusivamente no ano de 2022, 55 respostas para um questionário de avaliação realizado pelo Google Forms.

Todos e todas participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - Ciências Humanas (CEP-CHS), da UNICAMP, com aprovação registrada sob o número 47818521.9.000.8142 (CAAE).

ISSN: 2358-8829

A metodologia MEET - Aulas de Teatro (Carvalho Filho et al., 2025) prevê a utilização de jogos teatrais e diálogos para que as/os participantes reflitam em ação sobre o tema abordado. No quarto encontro, intitulado "Como lidar com conflitos?", os jogos e as improvisações são pensados para colocar em evidência situações de conflito, convidando as e os estudantes a refletirem sobre os elementos em questão e a imaginarem possibilidades de resolução. É nesse contexto que o Teatro-Fórum é introduzido. A preparação das cenas modelo ocorre ao longo da semana que antecede a aula, por meio de um grupo de WhatsApp, no qual os/as estudantes voluntários/as discutem possíveis opressões que afetam o grupo, definem uma a ser representada e elaboram um esboço do roteiro. No dia da aula, enquanto a maior parte da turma realiza uma sessão de Teatro Imagem, o grupo de voluntários ensaia a cena modelo com um dos professores. Após a apresentação da cena modelo, há uma sessão de fórum, que estimula a plateia a substituir a pessoa oprimida e a experimentar, em cena, outras formas de agir diante da opressão, passando de espectadores para *spect-atores*.

## REFERENCIAL TEÓRICO

*Augusto Boal* - a obra do teatrólogo abrange os conceitos que fundamentam a metodologia do Teatro do Oprimido e exemplos práticos de ações. No presente trabalho, foram apresentadas a "Estética do Oprimido" (2009) e "Jogos para atores e não atores" (2014). O Teatro do Oprimido é representado por uma árvore, essa imagem traz importantes conceitos que envolvem a metodologia, destacando-se as raízes que só podem ser nutridas em um solo de ética e de solidariedade. A seiva da árvore contém os jogos teatrais e o Teatro-Fórum, base para as aulas de teatro e experiências relatadas.

A teoria de Augusto Boal enfatiza a importância do teatro ser feito por e para o povo, pelos oprimidos, o autor afirma diversas vezes que todas as pessoas são capazes de fazer arte, e que ao fazer arte, ao jogar, as pessoas possam compreender a própria realidade e transformá-la.

*Bárbara Santos* - a autora tem três livros publicados, dos quais foram referenciados dois: "Raízes e Asas" (2016) e "Teatro das Oprimidas" (2019). A autora se aprofunda na metodologia do Teatro do Oprimido explicando conceitos como ASCESE, metáfora e o principal objetivo do Teatro do Oprimido: que as pessoas reconheçam que as opressões que sofrem fazem parte do contexto social, portanto, são

ISSN: 2358-8829

opressões coletivas, a partir desse reconhecimento que elas possam se engajar na luta política e transformação do mundo.

Em sua obra "Teatro das Oprimidas" (2019), Bárbara Santos narra a construção do coletivo Ma(g)dalenas, sendo ela uma das autoras. Em busca de uma sistematização, o "Teatro das Oprimidas" se propõe a ser continuamente um local de investigação prática, em criação estética, e, por isso, são nomeados como laboratórios. Essa perspectiva faz com que todas as pessoas envolvidas estejam em experiência, tanto estudantes quanto as próprias propositoras. É preciso continuar disponível para vivenciar, buscar e realizar uma luta efetivamente antipatriarcal, anticapitalista e contracolonial. O Teatro das Oprimidas, portanto, foi sistematizado, para que, em experiência, se possa trabalhar com foco no enfrentamento às violências de gênero, em laboratórios práticos elaborados, realizados e frequentados exclusivamente por mulheres.

*Paulo Freire* - a pedagogia freireana é utilizada desde a criação da metodologia MEET, perpassando os momentos de aulas práticas e todo o referencial teórico. As obras mais referenciadas são "Pedagogia do Oprimido" (2005) e "Pedagogia da Autonomia" (2020). Dentre toda a obra destacam-se conceitos que embasam tanto a pesquisa, quanto a própria metodologia MEET, tais como: educação emancipatória, consciência política, transformação no mundo, respeito aos saberes dos/das estudantes, liberdade, ética e estética.

*Guia prático de aulas de teatro MEET* (2025) - o processo de desenvolvimento da metodologia MEET envolveu diversos professores e professoras, bem como estudantes de medicina ao longo de várias atividades que se iniciaram em 2010. As frentes da MEET são aulas de teatro, simulações de consultas médicas, encenações teatrais e palhaçaria. O Guia escrito por quatro autores (Carvalho Filho, Márcia Strazzacappa, Adilson Ledubino e Letícia Frutuoso), apresenta o planejamento das aulas, a possibilidade de jogos a serem utilizados para se trabalhar cada tema, e principalmente, os princípios éticos e estéticos da Metodologia MEET (*Medical Education Empowered by Theater*).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar todas as cenas temáticas realizadas e gravadas, optou-se por utilizar somente as cenas de Teatro-Fórum para uma discussão mais aprofundada. Durante a

pesquisa, foram realizadas 5 cenas de Teatro-Fórum, das quais três abordaram a violência contra a mulher. Em uma das cenas realizadas, denominada "Trote Escolar", um estudante não autorizou a participação na pesquisa e, por isso, foi descartada do estudo. As outras duas cenas foram intituladas: "Assédio Sexual e chantagem de fotos" e "Assédio Sexual no Trabalho".

Na primeira cena, "Assédio Sexual e chantagem de fotos", conhecemos a hisória de Lúcia, uma mulher de 49 anos, que recebe um convite para ser modelo fotográfico em um ensaio, a ser realizado pelo fotógrafo Augusto Costa. Após refletir e conversar com uma amiga, ela aceita o trabalho e combina o encontro com Augusto Costa. O pseudo-trabalho era uma emboscada e Lúcia é sedada, perde a consciência e Augusto Costa tira as roupas dela e fotografa seu corpo nu. Ao acordar, após a violência sofrida, Lúcia se vê sozinha e tenta pedir ajuda no hospital, onde é hostilizada. Em casa, não tem coragem de contar o ocorrido para o filho. Augusto Costa passa a chantageá-la, exigindo dinheiro para não divulgar as fotos. Lúcia fica angustiada e, numa das vezes que vai entregar o dinheiro pessoalmente para Augusto Costa, conhece Regina, uma outra vítima do mesmo crime. Regina convida Lúcia para ir à delegacia e prestar queixa, Lúcia recusa, mas Regina vai assim mesmo. Na delegacia, a delegada não consegue resolver as coisas, no entanto, registra o crime.

Após a apresentação da cena modelo, começa a sessão de fórum e são realizadas três substituições. As substituições são realizadas por estudantes da plateia. A primeira foi na cena do hospital, na substituição, Lúcia pediu para ser atendida por outro médico. Na segunda substituição, Lúcia contou a verdade para o filho e conseguiu o apoio dele. Na terceira e última substituição, um estudante homem interpreta Lúcia e, em cena, decide ir junto com Regina à delegacia.

Durante o *debriefing*, uma estudante relatou um assédio sexual que sofreu; logo em seguida, outra estudante, Aurora, teve uma crise de ansiedade. Principalmente as mulheres presentes na sessão daquele dia relataram ter sofrido gatilhos emocionais. Esse é um risco de se trabalhar com tais temas, por isso, é preciso que os propositores sejam preparados e estejam disponíveis para acolher o que possa vir a acontecer. Importante ressaltar que falar sobre a violência não é cometer a violência, e sim se dispor ativamente a lidar com ela, reconhecendo quem são os algozes e quem são as vítimas, buscando caminhos de enfrentamento para que tais violências deixem de

existir. A seguir o trecho de depoimento da estudante Aurora, realizado após a experiência:

> *Me fez entender que o meu maior problema é ter vergonha de mim mesma, ter medo de ser criticada, estranhada e odiada, ou até virar piada. Esse foi um dos conhecimentos que eu construí em relação a mim. (...)*
> *O módulo de entrevista tem outro objetivo muito claro e amplo: abrir nossos olhos e apurar as nossas emoções para um mundo que existe e inexiste em nós. É preciso se sentir desconfortável, é preciso se sentir como uma vítima, é preciso se indignar e se mobilizar. Não vivemos em uma fantasia utópica, na qual não há questões impossíveis de se lidar – às vezes, simplesmente não existem soluções para os problemas mais turbulentos, e isso não significa que você seja uma pessoa cruel que não está tentando fazer a diferença. Essa é a importância de se colocar no lugar do algoz. Por outro lado e, ao mesmo tempo, colocar-se no lugar da vítima é um exercício de empatia, de desconforto e de impotência. Isso é importante na prática médica humana.* (Aurora *apud* Frutuoso, 2024, p. 108)

Por fim, em relação a essa sessão de Teatro-Fórum, é preciso compreender que, quando a opressão apresentada representa um grupo específico de pessoas, não se deve permitir que uma pessoa que não pertença a esse grupo substitua a protagonista oprimida. Dessa forma, em cenas de racismo, somente pessoas racializadas podem realizar as substituições, bem como na cena em questão, somente as mulheres poderiam ter realizado as substituições. Se o estudante quisesse participar da cena, ele poderia entrar como uma personagem aliada, se tornando uma pessoa disposta a ajudar a partir da sua própria perspectiva.

Já a segunda cena modelo, “Assédio Sexual no trabalho”, é apresentada em dois atos. No primeiro, vemos um pai e uma filha num parque. A filha fica sozinha por alguns instantes enquanto o pai atende uma ligação no celular. Nesse momento, um homem chega perto da criança tentando assediá-la e convencê-la a acompanhá-lo até a casa dele. O pai chega a tempo e protege a filha, empurrando o abusador. No segundo ato, conhecemos a outra face desse pai, que é chefe em sua própria empresa e abusa sexualmente de funcionárias. A cena apresenta a sala da chefia, com Amanda, a funcionária, e o chefe que oferece uma promoção desde que Amanda se submeta a ter relações sexuais com ele. Amanda sai da sala atordoada com a violência a qual foi submetida, no entanto, ela considera aceitar a proposta, pois está precisando de dinheiro para ajudar a mãe.

Amanda conversa com sua colega de trabalho, Paula, que a incentiva a formalizar uma denúncia contra o chefe e dono da empresa, mas Amanda tem medo de

ISSN: 2358-8829

tal proposta e vai conversar com a assessora do chefe, Cláudia, que está há mais tempo na empresa. Na conversa com Cláudia, revela-se que ela também é assediada sexualmente pelo chefe há bastante tempo, e, aparentemente, está resignada e diz para Amanda aceitar a proposta, que o mundo é assim mesmo. A cena termina com Amanda perguntando para a plateia o que ela deve fazer.

A forma como a cena foi construída tem várias camadas, parecendo, inclusive, que não se trata de violência, dada a aparente escolha de Amanda. Ao apresentar o opressor como pai no primeiro momento, também se cria uma camada de empatia por um homem que zela pela integridade de sua filha. Assim, é preciso nomear a violência, para que não se naturalize esse comportamento, para que os assédios não sejam tidos como cotidianos, para que se busque efetivamente a transformação da sociedade e a punição dos criminosos.

Na primeira substituição, conhecemos mais profundamente a história de Cláudia, a assessora, em que ela relata que a mãe dela também passou por isso e sobreviveu. Na segunda e terceira substituição, Amanda pede a companhia de Paula e as duas conversam com a assessora, tentando acolhê-la. Durante a conversa, Cláudia diz que só denunciaria o chefe se tivesse outra proposta de trabalho, ou seja, se pudesse sair daquela empresa. Outras ideias foram apresentadas, tais como criar um grupo de mulheres na empresa para saber se há outras funcionárias na mesma situação e também ir até a imprensa e realizar as denúncias, no entanto, em cena, a proposta final foi buscar outras vagas de emprego para depois realizar as denúncias.

Na última substituição, um estudante entra em cena, como aliado, para fazer o papel do funcionário Léo, que recentemente tinha sido promovido e ficou sabendo que o chefe abusava sexualmente de outras funcionárias. Léo aborda a situação com o chefe sendo simultaneamente camarada e questionando os motivos pelos quais Amanda não tinha sido promovida. O chefe não explica abertamente, então Léo apela para a função de pai do chefe, questionando-o se ele gostaria que a sua filha tivesse tal tratamento, o chefe responde que isso estaria ofendendo a honra dela e dele.

A sessão de fórum é finalizada e o estudante é aplaudido e enaltecido por sua coragem. A estudante Ametista, que interpretou a filha na cena modelo, em um áudio enviado logo após a experiência, diz que esse argumento utilizado pelo estudante é machista e sugere:

> *refazer a conversa do chefe com o Léo, que era do setor financeiro, para tentar mudar esse argumento que se relaciona com a posse (...) e se aproximar de algo que realmente humaniza o pensamento do chefe em relação ao que ele pensa sobre as mulheres. Para tirar essa ideia de que as mulheres pertencem ao homem e não pelo merecimento que elas têm em várias outras frentes.* (Ametista *apud* Frutuoso, 2024, p. 125).

A análise da última substituição, conforme apontado por Ametista, revela um desfecho que reproduz a lógica machista que a cena buscava problematizar. O argumento utilizado por Léo foi acolhido pelo chefe não por uma compreensão de que a mulher merece ser tratada como sujeito de direitos, mas sim por uma lógica de posse: o chefe se sentiria ofendido se algo semelhante ocorresse com sua filha, pois isso feriria "a honra da filha e a honra dele". Além disso, o personagem de Léo foi parabenizado por fazer a sua obrigação como pessoa que enfrenta um problema, refletindo outro machismo presente na sociedade, que enaltece homens por ações banais e julga mulheres que, além de sofrerem as opressões, ainda são vistas como provocadoras de tais violências.

As histórias de Lúcia e Amanda, embora ficcionais, refletem a realidade de milhares de mulheres que sofrem assédio e violência cotidianamente. A naturalização da violência, a culpabilização da vítima, a dificuldade de denunciar e a falta de apoio institucional são elementos que emergiram nas cenas e que foram problematizados no fórum. De acordo com o depoimento de estudantes que participaram das sessões de Teatro-Fórum, compreendeu-se que foram experiências importantes e impactantes, que auxiliaram na reflexão e no fortalecimento do apoio às estudantes mulheres que enfrentam violência de gênero durante a própria graduação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Teatro-Fórum é uma metodologia importante ao permitir que todas as pessoas envolvidas possam se debruçar sobre um problema, dialogando, experimentando e buscando formas que possam ser realizadas em outras situações que possam vir a aparecer. Ressalto que a experiência narrada aconteceu em aulas com estudantes de medicina, mas que o Teatro-Fórum já foi utilizado em vários contextos, podendo ser utilizado em outras frentes de atuação.

É fundamental reconhecer que a ordem social na qual estamos inseridos foi imaginada e construída por gerações anteriores. O capitalismo, o patriarcado e o

colonialismo não são condições naturais ou inevitáveis da existência humana, mas invenções históricas que podem, portanto, ser questionadas e transformadas.

Por isso, se conseguirmos identificar e nomear aquilo que nos atravessa, podemos vislumbrar novas possibilidades de existência. O futuro está em construção. Durante as aulas de teatro, os e as estudantes puderam imaginar, criar e se expressar esteticamente sobre as opressões que enfrentam, tanto individual quanto coletivamente, além de buscar formas de enfrentá-las.

Enfrentar o patriarcado não é simplesmente "não ser machista". É preciso agir. Buscar formas de fazer o que as mulheres têm falado, pedido e exigido. Criar esteticamente, fazer sessões de Teatro-Fórum pode ser uma das possibilidades de conseguir um diálogo, de sermos compreendidas.

**Palavras-chave:** Teatro-Fórum, Teatro das Oprimidas, Opressão, Assédio, Violência de Gênero.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por ter realizado o doutorado com bolsa de pesquisa, ressaltando a importância das políticas públicas.

Gostaria de agradecer Nádia Morali Barreira por toda a seriedade, comprometimento e companheirismo nos trabalhos que desenvolvemos juntas e pela sincera amizade.

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **A estética do Oprimido**, Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**, 16a ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CARVALHO FILHO, M. A.; STRAZZACAPPA, M.; LEDUBINO, A.; FRUTUOSO, L. **MEET (*Medical Education Empowered by Theater*): um guia para docentes**. Campinas: Editora FE/UNICAMP, 2025. E-book. DOI: https://doi.org/10.20396/ISBN9786587175867. Disponível em: https://editora.fe.unicamp.br/index.php/fe/catalog/book/meet-docentes. Acesso em: 23 out. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa,** 66ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FRUTUOSO, Letícia. **O Teatro do Oprimido e a metodologia MEET (*Medical Education Empowered by Theater*): caminhos possíveis para identificar opressões na formação médica**. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/22648. Acesso em: 23 out. 2026.

SANTOS, Bárbara. **Teatro das Oprimidas: Estéticas Feministas para poéticas políticas.** 2a Ed. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.

SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido: Raízes e asas - uma teoria da práxis**, Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

SARAPECK, Helen Ribeiro Pinto. **Abraçando a árvore do Teatro do Oprimido: pesquisa e memorial de experiências com o símbolo do método**, Dissertação de mestrado, Orientador: Prof. PhD. José Luiz Ligiéro Coelho (Zeca Ligiéro) e Co-Orientador: Prof. Dr. Noeli Turle da Silva (Licko Turle). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016. Disponível em: https://www.unirio.br/cla/ppgeac/dissertacoes-defendidas-em-2016/DissertaoHelenSarapeckJulho2016entregue.pdf. Acesso em 20 de fev. de 2024.